

A OCULTAÇÃO DE REPRESENTAÇÕES NEGRAS NA ICONOGRAFIA HISTÓRICA RIO-GRANDENSE

**MARIA JOANA MAYER DE MATTOS¹;
ROGÉRIO VANDERLEI DE LIMA TRINDADE ²**

¹Universidade Federal de Pelotas – joanamayer1@hotmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – roger01lim@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Essa escrita é embasada na pesquisa “Lugares na arte do Rio Grande do Sul: as representações embranquecidas na iconografia histórica rio-grandense” do Trabalho de Conclusão de Curso em Artes Visuais Licenciatura da UFPEL. Pretendeu-se investigar em como a iconografia histórica gaúcha auxiliaria na invisibilização de pessoas e se tornaria um mecanismo para a negação da presença da população negra no Rio Grande do Sul, a partir da análise de três exponenciais obras da História da Arte do Rio Grande do Sul que são, o mural “A formação histórico-etnográfica do povo rio-grandense” (1951-1955) de Aldo Locatelli (1915-1962), a pintura “Alegoria, Sentido e Espírito da Revolução Farroupilha” (1925) de Hélios Seelinger (1878-1965) e a escultura “O Laçador” (1958) de Antônio Caringi (1905-1981).

Para compor esta reflexão os principais operadores teóricos para estudar os processos de embranquecimento foram o escritor Abdias do Nascimento (2016) e o professor Homi K. Bhabha (1998); para assimilação e leitura das imagens fundamentou-se no teórico da arte George Didi-Huberman (2015).

2. METODOLOGIA

O Rio Grande Do Sul é um estado formado por variáveis grupos étnicos. A partir dessa constatação, procurou-se compreender em que medida o uso das imagens de arte e obras da iconografia histórica sul-rio-grandense atuam como instrumento político e pedagógico para a construção do imaginário social de a região gaúcha ser habitada somente por pessoas de origem branca.

A leitura iconográfica e análise de três pontuais obras da arte rio-grandense, o mural “A formação histórico-etnográfica do povo rio-grandense” (1951-1955) de Aldo Locatelli (1915-1962), a pintura “Alegoria, Sentido e Espírito da Revolução Farroupilha” (1925) de Hélios Seelinger (1878-1965) e a escultura “O Laçador” (1958) de Antônio Caringi (1905-1981) foram elementos imagéticos essenciais para desenvolvermos os direcionamentos metodológicos que se delineavam durante a pesquisa.

A pesquisa possui cunho qualitativo que se configurou através de visitas técnicas nos espaços expositivos em que as obras estudadas se encontram, como por exemplo o Museu do Doce na cidade de Pelotas, no Palácio Piratini em Porto Alegre e na Avenida dos Estados também na cidade de Porto Alegre.

Para compreensão e leitura das imagens embasou-se no método iconográfico do historiador da arte Erwin Panofsky (1892- 1968) e nos estudos pós-estruturalistas do teórico da arte Georges Didi-Huberman (1953) onde explica que a imagem se constitui por variáveis camadas de sentidos que são adquiridas e adaptadas ao decorrer do tempo, no qual abordagens e relações anacrônicas poderiam contribuir para o estudo e análise das imagens (DIDI-HUBERMAN, 2015).

A partir dessas correntes teóricas as interpretações iconológicas do mural e da pintura foram organizadas através de categorias iconográficas onde indicavam agrupamentos das figuras, suas atribuições, os elementos alegóricos assim como os possíveis conceitos e figuras de linguagem que se encontram nas obras. Com o intuito de apurar e analisar as representações de identidades, os símbolos e as histórias significadas nas telas de Locatelli e de Seelinger.

Para entender as estratégias e o funcionamento do embranquecimento aproximou-se teoricamente do escritor Abdias do Nascimento (1914-2011) onde discorre sobre as políticas estatais que pretendiam embranquecer o Brasil. O autor analisa que estas poderiam ser articuladas em uma sociedade, através do incentivo governamental para a miscigenação da população, para a manipulação e no ocultamento de histórias. Onde por meio de uma sistematização de nível nacional se fomenta a homogeneidade e a unidade entre os cidadãos (NASCIMENTO, 2016, p.131).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No mural intitulado de “A Formação Histórico-Etnográfica do Povo Rio-grandense” produzida pelo pintor Aldo Locatelli entre os anos de 1951 e 1955, sob encomenda do governo do estado do Rio Grande do Sul, é possível observar que não há a representação de sujeitas e sujeitos negros.



Figura 1 - A formação histórico-etnográfica do povo rio-grandense, Aldo Locatelli, 1951-1955, Mural em técnica mista, 25 m², Palácio Piratini - Porto Alegre, RS. Fotografia: Maria Mayer de Mattos (2022).

Esta pintura consentida pelo poder estatal projeta um imaginário acerca das populações que formaram e constituíram o Rio Grande do Sul e, exclui a existência e a contribuição da população negra para a formação do estado gaúcho, reflete as concepções e os projetos de sociedade que as pessoas que ocupavam a classe dominante rio-grandense almejavam na época.

Ponderando sobre as narrativas coloniais juntamente com o escritor Hommi Bhabha (1949) percebe-se que estas elaboram uma designação de ser humano a partir de uma representação europeia no qual é invalidada a participação das populações negras no desenvolvimento e no progresso da sociedade (BHABHA, 1998, p. 73).

Na pintura “Alegoria, Sentido e Espírito da Revolução Farroupilha” (1925) elaborada pelo artista carioca Hélios Seelinger (1878-1965) a partir da encomenda do intendente da cidade de Alegrete naquele momento, Oswaldo Aranha (1894-1960), é narrado pictoricamente a Guerra dos Farrapos (1835-1845) um momento histórico que se comemora no estado gaúcho até os tempos atuais.



Figura 2 - Alegoria, Sentido e Espírito da Revolução Farroupilha, Hélios Seelinger, 1925, óleo sobre tela, 3,80 x 5,70m. Fotografia: Maria Mayer de Mattos (2022).

Nesta obra há uma escondida representação de uma criança negra de pés descalços entre a multidão que movimenta a narrativa. E diante dessa presença negra retratada, quase que de forma imperceptível, em uma alegoria sobre a rememorada Guerra Farroupilha é de se questionar: Onde estão as pessoas negras? Quantas pessoas negras que também lutaram nessa batalha, assim como contribuíram nesse conhecido momento histórico rio-grandense como por exemplo os Lanceiros Negros? Mas que são condensados em locais de anulação dentro das histórias hegemônicas em relação a Guerra dos Farrapos.

Outra pontual obra na história da arte do Rio Grande do Sul é a escultura d'O Laçador (1958) do artista pelotense Antônio Caringi (1905-1981). A Estátua do Laçador é um monumento histórico da cidade de Porto Alegre e em 2008 por meio da Lei Estadual nº 12.992 a Estátua do Laçador foi declarada como integrante do patrimônio histórico, cultural e como a escultura símbolo do Estado do Rio Grande do Sul (RIO GRANDE DO SUL, 2008).



Figura 3 - O Laçador, Antônio Caringi, 1958, Bronze, 6,55 m, Porto Alegre. Fotografia: Maria Mayer de Mattos (2022).

Analizando o monumento ao Laçador se evidencia a representação de um homem branco de traços europeus que expressa masculinidade, autoridade e força. Essa construção imagética em que a estátua do Laçador personifica como representante da população rio-grandense torna excludente as mulheres, as pessoas negras e indígenas e as mulheres negras e indígenas que assim como consiste à formação do Rio Grande do Sul.

Um aparato que auxiliou na realização do projeto do Laçador na monumentalidade de uma estátua de bronze foi o concurso que o elegeu como vencedor, no ano de 1954 na Exposição do IV Centenário de Fundação de São Paulo onde pretendiam elaborar a representação da figura riograndense (GOMES, 2009, p. 446).

Nesse mesmo concurso também estava participando a escultura Gaúcho do artista Vasco Prado (1914-1998) em que apresenta a figura de um homem indígena que também simboliza a configuração da presença indígena no Rio Grande do Sul e na dita cultura gaúcha. Mas o projeto ganhador do concurso foi o Laçador e os seus cânones (GOMES, 2009, p. 448).

4. CONCLUSÕES

Ao analisar o mural “A Formação Histórico-Etnográfica do Povo Rio-grandense”, a pintura “Alegoria, Sentido e Espírito da Revolução Farroupilha” e a escultura “O Laçador” argumenta-se sobre a importância da arte na sociedade e como esta poderá ser uma ferramenta perspicaz de estudo para compreender a complexidade das relações sociais e as formatações de um Estado.

Refutar as ausências negras e indígenas e as presenças que compõem essas relevantes obras da história da arte do Rio Grande do Sul possibilita-se o debate sobre a quem é concedido o lugar de visibilidade e, a prerrogativa de existência na construção de narrativas visuais e simbólicas que são disponibilizadas a sociedade. Percebe-se que estas obras instrumentalizam estratégias políticas excludentes que promovem o embranquecimento através de variáveis invisibilidades sobre as diversidades étnicas que formam a sociedade rio-grandense.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- DIDI-HUBERMAN, G. **Diante do tempo: história da arte do anacronismo das imagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.
- GOMES, P. C. R. A construção de uma identidade visual: o caso do “gaúcho” nas artes plásticas do Rio Grande do Sul, de Pedro Weingärtner a Antonio Caringi. **Anais do XXVIII Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte**. Rio de Janeiro, p. 441-449, 2009.
- NASCIMENTO, A. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. São Paulo: Perspectivas, 2016.
- RIO GRANDE DO SUL. Gabinete de Consultoria Legislativa. **LEI Nº 12.992, DE 13 DE JUNHO DE 2008**. Porto Alegre, 2008. Disponível em: <https://www.mtg.org.br/wp-content/uploads/2020/06/mtgrs-lei-12992-Estatua-do-la%C3%A7ador.pdf>. Acesso em: 07 jul. de 2022.